

Colonato do Limpopo-2

Tempo (594) 28/2/82 p. 26-7

De Mabalane (ex-Vila Pinto Teixeira) ao Chibuto, a melhor terra estava distribuída aos colonos. Uma terra irrigada onde se tirava milho, algodão, arroz, userna, batata e algum trigo.

As melhores pastagens estavam reservadas ao pastio do gado dos colonos. Um gado bem tratado, desinfectado em tanques carraciciados todos os sábados e vacinado por equipas veterinárias.

Para fazer a experiência de cultivo e cruzamento de plantas existia o Posto Agrícola do Vale do Limpopo, complexo agro-pecuário encarregado dos estudos. Nos seus terrenos para além de centenas de cabeças de gado podia-se ver, consoante as épocas, arroz, trigo, milho, laranjeiras, toranjeiras, limoeiros, bananeiras, hortas de alface, de couve, de tomate, plantações de cana-de-açúcar, etc.

Já falei da forma como os colonos chegavam das suas terras de origem. Também falei da forma como rapidamente se adaptavam

aos esquemas sociais discriminatórios do colonato. Tracei também os privilégios de que gozavam. Agora importa completar o retrato para melhor compreensão da problemática que se vivia naquelas terras.

Com esse objectivo é fundamental referir que a integração de alguns poucos colonos nem sempre seguia o trilho oficialmente traçado e de resultados calculados. Nem todos ficavam uma caricatura ridícula, racista e boçal dos mentores da colonização como anteriormente descrevi. Deste grupo é de salientar os mais jovens que chegavam a ganhar todos os hábitos dos pastores de gado (negros) assimilando-lhes as brincadeiras, os calões em língua changané e penetrando como peixe na água nesse mundo fechado que é o dos adolescentes que tratam do gado, acção tida na tradição como uma escola de homens, onde o adolescente amadurece. Conheci miúdos em idade escolar que não

só não frequentavam nenhuma escola como também falavam deficientemente o português discorrendo, embora, com muita fluência em changane única língua que dominavam. A este propósito importa também referir que, sendo na sua maioria analfabetos, os colonos não sentiam necessidade de mandar os filhos à escola pois para quem o grande objectivo era enriquecer o mais depressa possível, a escola era um lugar onde se ia perder tempo. Esta a razão porque os seus filhos começavam a trabalhar na dura vida do campo ainda muito jovens (geralmente aos sete, oito anos). Aos poucos colonos que enviavam os filhos à escola primária era necessário ensinar-lhes também que a criança deveria ir limpa e calçada para as aulas. Foi mesmo necessário introduzir medidas administrativas para acabar com o hábito de entrar para a sala de aula da escola oficial sem sapato.

Tudo isto merece uma análise mais cuidada. E a compreensão destes factos faz concluir de imediato que aqueles homens e mulheres, gente rude, transplantada da miséria do campo nos Açores, Madeira e Portugal para ir servir uma causa ocupacionista e colonial que não entendia era, no fundo, gente do povo cinicamente instrumentalizada e tornada numa caricatura dos verdadeiros colonialistas. Na verdade, e bem vistas as coisas, eles eram discriminados pelos altos funcionários do colonato, requintadamente racistas. Por exemplo, enquanto que o filho do colono nascia no colonato os altos funcionários mandavam as mulheres grávidas para Portugal onde elas iam dar à luz, e registavam os filhos após o que voltavam. Era a garantia de manutenção de um «sangue de primeira»...

É importante referir estas verdades bem conhecidas de qualquer pessoa que tenha vivido no colonato. Também é importante salientar que a relação económica entre os colonos e seus trabalhadores era do mais exploratório que se possa imaginar. Como já disse, muitos deles tinham dado que exigia atenção permanente. Alguns destacavam para

essa tarefa os filhos mais novos. Outros contratavam empregados. Estes empregados eram pagos de todas as formas possíveis — se àquilo se poderia chamar «pagamento»: uns recebiam, de quando em vez, roupa velha para além da farinha diária; outros recebiam apenas uma broa todos os dias; outros recebiam 20\$00 por mês; outros nem uma coisa nem outra. Ou seja que não recebiam nada. Por isso iam-se embora. E o colono, muito calmamente, contratava outro empregado a quem não pagava. E o ciclo repetia-se...

Esses jovens trabalhadores dos colonos tinham uma perspectiva de futuro muito limitada pois que no colonato, cada vez mais, se exigia mão-de-obra especializada. Mas havia discriminação nas escolas e as únicas que eles poderiam frequentar eram as escolas missionárias. Não havendo ensino nocturno de dia também não poderiam estudar porque tinham que trabalhar. Por isso, mal atingiam uma certa idade, emigravam para Lourenço Marques ou para a África do Sul. Aliás, todas as semanas havia um comboio que atrelava um vagão exclusivamente destinado a emigrantes para a África do Sul e, uma vez por semana, um outro comboio que trazia os magaiza.

Quem leia sobre o trato dado aos trabalhadores dos colonos dirá que aquilo era chibalo. Não, não era porque o chibalo ainda era pior. O chibalo propriamente dito era praticado no Posto Agrícola do Vale do Limpopo e nas Administrações. No Posto, todos os anos os homens do chibalo revezavam-se. Todos os anos chegavam um novo grupo quase sempre constituído por homens do então distrito de Inhambane principalmente de Morrumbene, Zavala e Massinga. Vi a forma como estes homens sofriam, a ansiedade com que afogavam a dor no álcool dos inúmeros alambiquês das mulheres das povoações. Eram sessões de bebedeira-para-esquecer.

Mas isso já é outro assunto.

Albino Magaia